



**JOP'25  
DESIGN**  
VI Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5  
DEZ  
2025

São Luís - MA



X Simpósio  
de Design  
Sustentável  
Mundos por vir



## Aqui, nós Somos Balaias! Design para a Autonomia Produtiva e Resistência Feminina em um Assentamento do MST no Maranhão

Here we are “balaias”: design for productive autonomy and female resistance in an MST settlement in Maranhão

Nicolle Vaz Ribeiro<sup>1</sup>, Raquel Gomes Noronha<sup>2</sup>, Simone dos Santos Sousa<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Maranhão, Graduanda, [nicolle.vaz@discente.ufma.br](mailto:nicolle.vaz@discente.ufma.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Maranhão, Doutora, [raquel.noronha@ufma.br](mailto:raquel.noronha@ufma.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal do Cariri, Mestre, [simone.santos20121@gmail.com](mailto:simone.santos20121@gmail.com)

**Resumo.** No contexto da produção da agricultura familiar vinculada às lutas em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o MST, este artigo apresenta e reflete sobre os resultados obtidos em um projeto de extensão, com foco no coletivo de mulheres Resistir e Produzir. Tem como objetivo refletir sobre como a ação prática de design pode se constituir em um potente protótipo para a construção da autonomia em grupos produtivos que lutam e resistem frente às opressões fundiárias. Para realizar um processo de criação com o grupo, em uma ação extensionista, foram realizados processos criativos baseados em abordagens de design participativo. Os resultados que apresentamos são os resultados práticos do projeto de design da marca do coletivo, bem como as reflexões teóricas e empíricas sobre esta prática que produz autonomia e reforça os saberes e fazeres locais, enfatizando o papel do design em contextos políticos, ecológicos e feministas.

**Palavras-chave.** Autonomia, Design participativo, MST.

**Abstract.** In the context of the production of family farming linked to the struggles in settlements of the Landless Workers' Movement, the MST, this article presents and reflects on the results obtained in an extension project, focusing on the women's collective Resistir e Produzir (Resist and Produce). It aims to reflect on how the practical action of design can constitute a powerful prototype for the construction of autonomy in productive groups that struggle and resist in the face of land oppression. To carry out a creation process with the group, in an extension action, creative processes were carried out based on participatory design approaches. The results we present are the practical results of the collective's brand design project, as well as the theoretical and empirical reflections on this practice that produces autonomy and reinforces local

*knowledge and practices, emphasizing the role of design in political, ecological and feminist contexts.*

**Keywords:** *Autonomy, Participatory Design, MST.*

## 1 Introdução

Na chegada ao município de Nina Rodrigues, localizado a 185 km de São Luís, MA, lugar onde vivem as mulheres do Coletivo de Mulheres Resistir e Produzir, há um portal construído pela prefeitura com a frase “Aqui iniciou a Balaiada” referindo-se a revolta maranhense que ocorreu no período regencial (1838 – 1841) contra os abusos sofridos por governantes e latifundiários. Ainda que este momento da história esteja há dois séculos de distância do período atual, as terras de Nina Rodrigues ainda carregam este passado sombrio, marcado por sistemas exploratórios que ainda assombram os produtores locais.

Figura 1 – Portal da cidade de Nina Rodrigues



Fonte: Alpanir Mesquita (2025)

O debate versa sobre o papel político do design, sobre como ele afeta e pode ser afetado pelo meio em que opera; neste caso, como o design relaciona-se com a luta do MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra. Para abordar esse tema, acionaremos as ideias defendidas por Arturo Escobar (2016) em seu livro “*Autonomía y diseño*”, o conceito de relacionalidade também articulado por Escobar juntamente com Michal Osterweil e Kriti Sharma (2024), e a visão sobre terras e modos de vida cosmológicos de Nêgo Bispo (2023). Estas literaturas contribuíram para o desenvolvimento do projeto extensionista que realizamos e para argumentação deste artigo.

Como ponto de partida desta leitura, é necessária a apresentação do projeto de extensão “Codesign com grupos produtivos dos assentamentos da reforma agrária: uma abordagem participativa de design para a autonomia produtiva”, proposto pelo NIDA – Grupo de pesquisas Narrativas em inovação, design e antropologia da UFMA, que consistiu



**JOP'25  
DESIGN**  
VI Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5  
DEZ  
2025

São Luís - MA



X Simpósio  
de Design  
Sustentável  
Mundos por vir



na cocriação de narrativas visuais com grupos assentados do MST, perante demanda do próprio movimento e produção de pontos de contatos de tais narrativas com as identidades visuais e acompanhamento nas redes sociais para oito grupos produtivos.

O projeto foi realizado no Maranhão, nos municípios de São Luís, Nina Rodrigues, Itapecuru-mirim, Pedro do Rosário e Buriti, a partir da abordagem do Design Participativo. Na cocriação das identidades visuais, houve o desenvolvimento de peças gráficas como embalagens, banners, camisetas, materiais para redes sociais entre outras, conforme a necessidade de cada grupo produtivo.

O objetivo deste artigo é refletir sobre como a ação prática de design pode se constituir um potente protótipo para a construção da autonomia em grupos produtivos que lutam e resistem frente às opressões fundiárias. Em contextos de resistência em que vivem nossas copesquisadoras, as mulheres do coletivo Resistir e Produzir, produzir autonomia é fundamental para que as suas narrativas, perante as opressões que sofrem, ganhem espaço para o fortalecimento da geração de renda a partir dos princípios do MST, como o comércio justo, o cooperativismo, o bem-viver e a superação das mazelas do capitalismo.

Inicialmente, apresentaremos como os conceitos narrativa e imaginação de futuros, em seguida, de território, ecofeminismo e em seguida como o design aciona tais teorias para se posicionar como aliado no processo de construção de narrativas para uma ação política e possibilidade de imaginação de futuros. Na sequência apresentamos a abordagem metodológica, expondo as diversas ações realizadas com os oito grupos produtivos com os quais cocriamos, entre abril e dezembro de 2024, mas enfatizaremos as realizadas com o Coletivo de Mulheres Resistir e Produzir, em seus resultados e debates, entrelaçando as ações práticas realizadas em campo, as percepções das autoras e as teorias acionadas no artigo.

## 2 Narrar e Imaginar Futuros

Podemos pensar em imaginação de futuros como um ensaio para a ação em um cenário e circunstância específico. Imaginar futuros é pensar, analisar e prototipar para concretizar um sonho, assim também defende Escobar (2016), ao afirmar que cada comunidade faz intuitivamente o design de si mesma.

Ainda sobre processos de imaginação de futuros, Escobar, Osterweil e Sharma (2024), abordaram o conceito de relacionalidade, em uma perspectiva contra hegemônica. Se nos últimos séculos, observamos o avanço de uma história de separação, hierarquia, dualismo ontológico, objetividade e desenvolvimento ilimitado, e essa pode ser, então, a razão do porquê caminhamos para um cenário de desfuturo. A crise climática põe em xeque nosso futuro e com ele o privilégio de sonhar e imaginar futuros

O imortal Ailton Krenak (2020) aciona o processo de adiar o fim do mundo e a narrativa como modo de resistência a este fim. A prática narrativa é um modo de resistência, inferimos a partir de Krenak e Rivera Cusicanqui (2010). Farias e Noronha

(2023) constroem a reflexão sobre a narrativa como processo de design e vice-versa, e como o fazer prático e criativo constituem-se como forma de narração.

Farias e Noronha (2023) categorizaram as relações de narrativas com sistemas de design e produção de artefatos em quatro âmbitos. Desenvolvemos esse texto acionando as narrativas como registro sócio-histórico e fabulação. A narrativa como registro sócio-histórico traz fatores historiográficos para a contação de histórias, preservando a autonomia identitária de sujeitos e comunidades e denunciando as mazelas vividas. Por sua vez, a narrativa como fabulação complementa a anteriormente citada, mostrando-se como um dispositivo de especulação para a materialização de cenários que guiarão os narradores à transformação social.

Assim ao estimular práticas criativas em cocriação, fortalecemos a autonomia dos grupos, em processo de design participativo que incorpora as cosmologias e incita a troca entre vivências que se cruzam, como afirma Noronha (2018, p.126), ao falar que “projetar assim significa aceitar a diversidade epistemológica e a autonomia de vários mundos colocados em correspondência, a partir do encontro.”. Neste contexto, torna-se essencial ouvir as histórias e experiências de quem, por anos, viveu na contramão do colonialismo.

Devido a estes fatores, é necessário fazer um questionamento ontológico do design, e isso implicaria identificar as características deste design que deriva de uma linha de pensamento patriarcal, capitalista e ocidental, e deste modo nos ajudaria a encontrar meios para enfrentá-lo, uma vez que não é compatível com a perspectiva de futuro global justamente por alimentar um modo de vida contra o biointerativo. O conceito de biointeração, apresentado por Nêgo Bispo (2023), destaca a relação integrada entre seres vivos e ambiente, em oposição à visão colonizadora. Para Nego Bispo, esse princípio é central nas comunidades quilombolas, que entendem a vida como um ciclo contínuo de trocas e interdependência. No caso das comunidades camponesas com as quais cocriamos, a vivência é muito semelhante. Devemos então dar espaço a outras percepções, filosofias e modos de vida que enfatizam maior relacionalidade com o mundo (Escobar, 2016).

Em suma, os autores aqui acionados defendem uma reorientação significativa do design, pois, em sendo enraizado em bases funcionalistas e racionalistas, não há sintonia com a dimensão relacional da vida, exatamente o que vivenciamos ao conviver com os empreendimentos vinculados ao MST que nos convidam, portanto, a pensar ontologicamente sobre design e a desenvolver projetos de design a partir de outras perspectivas.

Neste sentido, os processos de cocriação em design operam como práticas dialógicas que possibilitam a mediação de saberes e a valorização de experiências territoriais. Como propõe Escobar (2016), o design deve ser entendido como uma transição ontológica, capaz de imaginar futuros plurais sustentados pela relacionalidade; de modo que a convergência entre agroecologia e cocriação se constitua um campo de reexistência, no qual antigos espaços de dominação são ressignificados em territórios de educação, produção coletiva e emancipação social.

### 3 Design, Território e Ecofeminismo: caminhos para a autonomia

A noção de território vai além de limites geográficos. Um território também é identificado por sua cultura e herança étnica. Para Fernandes (2005), o território é um tipo de espaço geográfico e político, apropriado por determinadas relações sociais e constituído por dimensões materiais e imateriais. Diferente do simples espaço econômico, o território é pensado como espaço de vida, no qual coexistem educação, cultura, trabalho, produção e organização política, compondo uma realidade multidimensional. O autor enfatiza que o território é simultaneamente espaço de dominação e de liberdade, de expropriação e de resistência, sendo produzido e transformado pela conflitualidade social. Desse modo, compreender o território implica reconhecê-lo como resultado das disputas entre diferentes sujeitos sociais – como o campesinato e o agronegócio – que o organizam a partir de suas necessidades e projetos de vida (Fernandes, 2005).

O território também pode ser definido como uma totalidade multidimensional e multiterritorial, que ultrapassa a visão reducionista de unidade homogênea. É expressão de relações de poder em disputa, que podem ser políticas, sociais, culturais, econômicas ou ambientais, sendo continuamente renegociado e configurado como espaço vivo de confrontos e reorganizações (Haesbaert, 2021).

Complementa-se com a visão de Nêgo Bispo. Para ele, não podemos pensar em territórios no Brasil sem levar em consideração o processo de colonização. Existe uma diferença clara entre territórios colonialistas e não colonialistas; no primeiro as pessoas e as coisas vivem em função dos ideais instituídos pelos colonos eurocristãos que apareceram há séculos (Bispo, 2023). Bispo define colonização como todo processo etnocêntrico que invade, expropria, mata, subjuga e até substitui uma cultura pela outra (Bispo dos Santos, 2015). Para se opor à colonização, trouxe à tona o termo contracolonização.

[...] E vamos compreender por contracolonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. (Bispo dos Santos, 2015, p. 48)

Neste sentido, inferimos que a identidade se construiu a partir do vínculo territorial. Compreendendo que a constituição de uma comunidade se deve principalmente a fatores geográficos para a construção de tradições, costumes e cultura material, as assentadas com as quais convivemos identificam-se como natureza e não como seres apartados desta entidade, e reconhecem essa constituição ontológica como parte fundamental de sua existência e resistência.

Os ensinamentos do ecofeminismo nos embasaram na percepção sobre as práticas e reflexões com o coletivo Resistir e Produzir. Surgido na década de 1970, Elizabeth Beltrán (2019) conceitua o ecofeminismo como uma teoria crítica, uma filosofia e uma interpretação do mundo para sua transformação. Coloca em uma perspectiva única duas correntes, de teoria e prática política, que emergem da modernidade, a Ecologia e o

Feminismo e tenta, a partir daí, explicar e transformar o sistema de dominação e violência atuais focando sua atenção na crítica ao patriarcado e na superexploração da natureza como parte do mesmo fenômeno.

Ao reconhecerem-se como natureza, fora da hierarquia patriarcal e capitalista que constitui o pensamento ocidental contemporâneo, as mulheres de Nina Rodrigues buscam, nesta relacionalidade que mencionam Escobar, Osterweil e Sharma (2024), a conexão que certa vez lhes foi usurpada pela dominação do latifúndio e a escravidão.

Assim, a forma de projetar com populações vulnerabilizadas implica a construção de uma participação radical (Escobar, 2020) que permite que todas as dimensões ontológicas e constitutivas da vida participem de fato do processo criativo. Noronha (2022) argumenta que se o processo criativo não for aberto de fato, a participação torna-se cooptada como discurso anti-vida e anti-futuro do Antropoceno, em processo de “participação para inglês ver”. Deste modo, nestas práticas que vimos desenvolvendo no NIDA, a relacionalidade acontece em diversos níveis e com diversos seres, materiais e ambiente, constituindo-se em processo de reapropriação ontológica do design (Izidio, Farias e Noronha, 2022).

Este é um aprendizado que o ecofeminismo, que aciona as culturas matrísticas, nos traz: “As culturas matrísticas históricas se caracterizam por conversas em que se destacam a inclusão, participação, colaboração, coinspiração, respeito e aceitação mútua, sacralidade e renovação cíclica recorrente da vida.” (Escobar, 2016, p.37). Entender bem este entrelaçamento entre natureza, cultura e existência é o ponto chave para o desenvolvimento das identidades visuais das cooperativas e grupos coletivos, uma vez que apontamos a representação dos elementos naturais nativos e cocriados como fundamentais para a construção de uma identidade visual.

Para além da identidade dos empreendimentos, o MST como movimento político também defende essa representação. Para a construção de uma narrativa ligada ao movimento é preciso entender as suas motivações e como ele se apresenta como marca para que, assim, possamos alinhá-los com a construção das identidades visuais das cooperativas. O MST luta pela reforma agrária popular e pela ocupação de terras abandonadas, improdutivas ou degradadas por trabalhadores que precisam dessas terras para sobreviver, agindo em função da justiça social (MST, 2025).

Por ter nascido no berço do capitalismo industrial, o design ainda se pauta em muitos estudos que se centram no mercado e no lucro. No campo do *Branding*, uma vez que estamos falando de identidade visual para marcas, muito se fala sobre fatores que vão tornar a o produto e a marca mais vendáveis. Há discussões sobre a ética do consumismo e até que ponto uma marca pode se responsabilizar por estas dinâmicas. No contexto das cooperativas do MST essa questão da narrativa sobre o consumo ganha destaque, uma vez que as motivações são relacionadas à territorialidade, ao caráter sustentável e “limpo”, sem o uso ou com baixo uso de agrotóxicos, em oposição à realidade do agronegócio no Brasil.



**JOP'25  
DESIGN**  
VI Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5  
DEZ  
2025

São Luís - MA



X Simpósio  
de Design  
Sustentável  
Mundos por vir



## 4 Abordagem Metodológica

A ação extensionista aqui narrada realizou-se em oito grupos produtivos, obedecendo às mesmas macroetapas, pautadas em uma abordagem de um design participativo relacional (Escobar, 2016; 2020). Na visão do autor, toda comunidade constrói o design de si própria. Corroborando esta premissa e afirmando nosso papel como parte deste processo cocriativo, e não como detentoras do processo criativo em si, adentramos os territórios de forma atencional, a partir da escuta atenta e do envolvimento corporal como forma de abertura às cosmogonias outras, além das nossa própria. Esses princípios e práticas constituem o designantropologia que realizamos no NIDA (Izídio, Farias e Noronha, 2022), como forma de reapropriação ontológica do processo de design. Trabalhamos de modo qualitativo, fenomenológico, atentas às especificidades de cada grupo produtivo, envolvendo cada copesquisadora em todos os processos criativos, a partir nas narrativas orais, visuais e sensoriais que foram se constituindo a partir de nosso encontro.

Lembramos que enfatizaremos aqui os resultados cocriados com o coletivo de mulheres Resistir e Produzir por ser exemplar quanto ao processo metodológico acima explicitado, pelo alto grau de envolvimento do grupo no processo e autonomia e protagonismo no trabalho produtivo de seus principais produtos, geleias, doces e licores de frutas. O processo de cocriação consistiu-se nas seguintes etapas: roda de conversa com grupos produtivos nos respectivos assentamentos a partir da escuta atencional e anotações feitas simultaneamente. A roda de conversa aconteceu presencialmente em cada um dos assentamentos participantes deste projeto e foram feitas perguntas abertas sobre o grupo produtivo, como eles se viam, o que produziam, que desafios enfrentavam. Foi importante que este momento tenha se constituído a partir de perguntas abertas e mais subjetivas, proporcionando um espaço de diálogo livre para respostas, percepções mais autênticas sobre os seus fazeres e saberes, suas visões de mundo e sobre a sua produção.

Nesta etapa do projeto, ouvimos muitas indagações quanto à história, sobre o contexto da cidade de Nina Rodrigues e o que elas construíram no passado, e quais eram as projeções para o futuro. Neste sentido, conseguimos entender as narrativas por trás dessas palavras, o reconhecimento de injustiças históricas que firmam o estabelecimento de uma identidade e luta, e como reimaginar esses acontecimentos para os próximos passos.

Para organização da informação, e análise dos relatos da roda de conversa, utilizou-se a estrela de valor (Krucken, 2009) para identificar os principais valores acionados pelas pessoas envolvidas. Esta ferramenta tem nos auxiliado a mapear falas, pensamentos que contemplam a complexidade de narrativas sobre serem mulheres camponesas, militantes e produtoras da agroecologia. A ferramenta é o desenho de uma estrela de base hexagonal e em cada uma de suas pontas identifica-se um tipo de valor: funcional, ambiental, econômico, social, emocional, simbólico/cultural.

Em seguida, realizamos o processo de fotoelicitação apresentando imagens de marcas visuais do mesmo ramo de atuação do coletivo – alimentação com produtos da



**JOP'25  
DESIGN**  
VI Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5  
DEZ  
2025

São Luís - MA



X Simpósio  
de Design  
Sustentável  
Mundos por vir



agroecologia – para inspiração e reconhecimento da linguagem visual, como elementos pictóricos, cores, tipografias, entre outros. Neste momento é importante mencionarmos a atuação das designers no processo de tradução dos códigos do campo do saber do design para uma linguagem cotidiana, facilitando e abrindo as portas do processo criativo para a entrada das copesquisadoras. Em seguida, iniciamos com o momento-chave do processo cocriativo, o que chamamos de desenho coletivo, em que cada participante produz desenhos, imaginando marcas possíveis para as narrativas do MST e do próprio coletivo. Cada participante apresentou oralmente seu desenho, expondo as narrativas que trouxe à tona e, ao final, em uma roda, analisamos e definimos coletivamente um caminho visual possível para a marca.

Naquele momento, aconteceram debates sobre formas, estilos, cores, significado, discussões sobre como aquelas narrativas seriam interpretadas. Foi bastante significativo perceber que ali acontecia o que é descrito por Escobar (2016): a comunidade faz o design de si própria, construindo um design ontológico. Naquela ocasião, também selávamos o acordo sobre quais produtos, pontos de contato da futura marca que foram produzidos posteriormente pelas designers.

Cerca de um mês após este momento inicial, retornávamos ao assentamento com a representação visual cocriada por meio dos desenhos. Neste processo de tradução visual a cosmovisão das designers faz-se presente, entrelaçada às das copesquisadoras, reforçando o conceito também acionado por Escobar de pluriverso – uma diversidade de cosmovisões – que constitui a própria construção participativa relacional.

Para expor os resultados e discussões deste artigo, será realizada uma análise por triangulação de dados (Minayo, 2004). No contexto da pesquisa em designantropologia, a participação possibilita a percepção, o sentir e o mapeamento de agências de seres vivos, ambientes, materiais e subjetividades. Essa abordagem visa promover o entrelaçamento de modos de vida e relações, criando espaço para a interlocução entre saberes advindos de diferentes cosmologias e práticas acadêmicas, contribuindo para uma reflexão crítica sobre o paradigma científico atual.

## **5 Narrativas Sobre Resistência e Design em Cocriação**

Ao chegarmos no assentamento Palmares II, no município de Nina Rodrigues, fomos muito bem recebidas pelas mulheres do coletivo Resistir e Produzir. Elas conduziram nossa visita, apresentando inicialmente o Centro de Capacitação Maria Aragão que, no momento da ação estava estruturado com uma sala de aula para estudantes do ensino médio, duas salas de coordenação, além de espaços organizados com livros e materiais pedagógicos. O lugar contava, ainda, com uma cozinha e uma área aberta, utilizada também como sala de aula.

Logo ao lado, separado apenas por aproximadamente um metro de distância, conhecemos a pequena agroindústria de produção e beneficiamento de frutas. Apesar do espaço diminuto, estava equipado com os principais instrumentos de trabalho para produção do coletivo, como fogão, despoldadeira, balança, freezer, entre outros. Neste

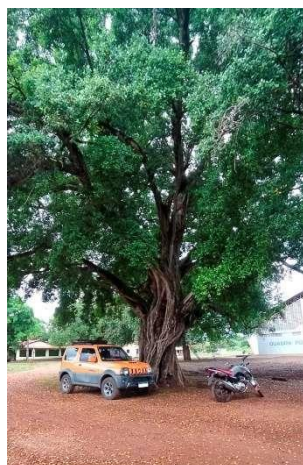
espaço, produzem-se geleias, doces e licores de frutas típicas da região: manga, caju, buriti, cupuaçu, cajá, abacaxi, preparam geleias com pimentas e especiarias, e tantas outras espécies vegetais abundantes neste território.

Ao ouvir os relatos do grupo de mulheres, descobrimos que o local, que hoje é vocacionado à educação, produção e geração de renda, já foi a “casa grande” de gerações de latifundiários. Entre as várias histórias compartilhadas, elas nos contaram sobre as duas figueiras que há em frente à casa. Atualmente, as árvores oferecem sombra, beleza, momentos de lazer e descanso, mas também guardam memórias de lutas e opressões.

Este latifúndio foi desapropriado pela reforma agrária, após anos de lutas para o estabelecimento do assentamento e das agrovilas<sup>1</sup>. Antes da desapropriação, era justamente ali, naquelas duas árvores que o fazendeiro e seus capatazes humilhavam e, por vezes, recorriam aos açoites para submeterem os camponeses às suas ordens.

Ouvimos esses relatos e narrativas e conseguimos visualizar a transformação de um espaço que antes simbolizava a violência e dominação em um espaço de autonomia, de educação, de resistência e de produção. Um lugar ressignificado, que agora tem a capacidade de transformar vidas. Foram nessas mesmas salas em que degustamos os doces, realizamos as rodas de conversas, apresentamos os projetos que desenvolvemos, nos emocionamos e cantamos cantigas do MST.

Figuras 2 e 3 – Foto da Figueira (imagem a esquerda) e foto do Centro de Capacitação Maria Aragão.



Fonte: imagens nossas (2024)

E assim, em nossa primeira visita, escutamos: “aqui somos todas balaias!”, referindo a uma ancestralidade comprometida com a luta pelo território. As assentadas referiam-se à Balaiada, movimento revolucionário que partiu das classes mais oprimidas daquela região, como pessoas escravizadas, artesãos e vaqueiros que, afetados pela crise do

---

<sup>1</sup> Leda Almeida, assentada e copesquisadora, nos informou sobre o processo de desapropriação, em nossa primeira visita: Os trabalhadores rurais, organizados a partir do MST, lutaram a partir de 1999 pela desapropriação das terras subutilizadas da região. Em 2001 aconteceu a desapropriação, e foi instaurado o PA (projeto de assentamento) Palmares II, que inclui três agrovilas: São Domingos, Balaiada e Palmares. Nesta última está o centro Paulo Freire”.

algodão no Maranhão, buscavam melhores condições de vida e contestavam a elite agrária local. A imagem da resistência e luta balaia refletem-se no nome do coletivo – Resistir e Produzir – e no discurso aguerrido das mulheres do lugar.

São essas narrativas que dão a elas forças para continuarem suas lutas pela terra e pela sua reprodução material e simbólica. Mesmo com a implantação do PA Palmares II, as narrativas sobre a legitimidade / ilegitimidade do MST rondam as vidas dessas pessoas e de tantas outras. Ao visitarmos outras agrovilas em outros assentamentos, permanecemos com a mesma sensação: ainda que por direito os processos de assentamento estejam consolidados juridicamente, ainda há um longo caminho para que a sociedade desconstrua a ideia da reforma agrária como uma violação de direitos de propriedade.

Neste sentido, e orientadas por uma perspectiva de design político – como construtor de linguagens e de mundos – e por isso com poder de constituição da realidade sociotécnica do mundo (Bucley, 1986; Noronha, 2025), entendemos o potencial narrativo do nosso saber-fazer, em confluência com o das mulheres do PA Palmares II.

A transformação pode não ser rápida, mas ela é possível. As narrativas apresentadas pelas comunidades camponesas são elementos propulsores para a realização de sonhos, é através delas que poderemos prototipar novos caminhos.

O sonho das mulheres do coletivo Resistir e Produzir é conquistar esse espaço na agricultura familiar e, assim, conseguir a independência financeira. Elas reconhecem a força da luta camponesa e o potencial da terra em que vivem. Em uma roda de conversas, comentaram conosco, por exemplo, sobre o desperdício de frutas que acontece em algumas épocas do ano, e se queixaram de não terem um incentivo financeiro para o aproveitamento desses recursos.

No período que tem juçara, é muita juçara, no período que tem jaca é a jaca, e sucessivamente. Mas, assim, a gente nunca teve um incentivo de um aproveitamento [...] A gente está passando por muitas situações porque a gente não aproveita isso que é tão natural, que é produzido no nosso quintal, que faz parte da nossa vida e da nossa cultura.<sup>2</sup>

Neste processo, de fazermos coisas juntas, refletimos como a ação prática de design pode se constituir em um potente protótipo de imaginação de futuros. Aqui, acionamos o conceito de protótipo em designantropologia, como um elemento provocador, como elemento sociotécnico que é inserido em determinado contexto para provocar a conversação social e a reflexão sobre o papel criativo e político daquilo que se cria. Visto que o futuro imaginado é um sonho, o protótipo é um meio que encontramos para visualizar este sonho e, assim, trilhar um caminho para ele próprio (Noronha, 2025). Por sua vez, a função das designers neste contexto é, partindo da cocriação, contribuir com os saberes acadêmicos e técnicos, e abrir o plano comum da criação às contribuições das agricultoras e aos saberes da terra, da luta e dos objetivos dos grupos assentados e do MST.

---

<sup>2</sup> Depoimento concedido por Dolores Meneses, integrante do Resistir e Produzir, em 31/05/2024.

Ao examinar a prototipagem como uma prática cultural emergente complexa e introduzir uma meta-reflexão sobre "protótipos de prototipagem", este projeto examinou, criticamente, a historicidade dessa prática; além disso, ele destacou a produtividade de uma prática de design baseada em uma lógica de experimentação, imaginação, orientação para o uso e colaboração que, segundo ele, poderia informar o trabalho antropológico de forma frutífera. (ARC Studio 2010, apud Escobar, 2016, p. 127, tradução nossa).

As comunidades já entendem a sua importância no meio em que operam, entendem o que devem fazer para reescrevermos a velha história pautada em séculos de dominação e exploração de pessoas e de recursos naturais. Os sonhos e objetivos das comunidades camponesas já estão alinhados com a conservação e a ecologia. A agroecologia está mais que viva nesses territórios: “Ao trazer para dentro do design práticas que cultivam, por si mesmas, a vida e a diversidade, não precisamos inventar nada novo, bastando estar abertos a aprender com aqueles que, por meio de seus próprios modos de ser-no-mundo, o fazem” (Cahét, 2023, p. 160). Assim, muito mais do que levar conhecimentos, nós aprendemos em campo, com nossa própria abordagem metodológica que traz tão ricos conhecimentos. Em nossas conversas iniciais, escutamos. Em momento posterior, à noite, enquanto esperávamos o próximo momento de trabalho, ou em retornando à universidade, acionávamos a ferramenta da estrela de valor. Ao anotarmos os valores mencionados nas conversas, conseguíamos identificar as categorias propostas por Krucken (2009).

Dentro da análise, identificamos alguns fatores em comum entre as cooperativas, como nas esferas de valor ambiental e social. Na estrela de valores do coletivo Resistir e Produzir destacaram-se os valores sociais e simbólico-culturais, estando ligados a luta feminista dentro do contexto camponês.

Figura 4 – Esquema estrela de valores do coletivo Resistir e Produzir



Fonte: Imagem nossa (2025)

Na fase do desenho, cada grupo, em seu respectivo assentamento, decidiu apresentar características que acreditavam representar melhor cada grupo ou território. Todos apresentaram a natureza, árvores e plantas locais e as motivações para essa escolha

podem ser muitas como o intuito de identificar um território, representar a origem natural dos produtos ou a proximidade dos assentados com a natureza. Na coletânea a seguir (Figura 5) há desenhos de pessoas de diversos grupos produtivos, além do coletivo Resistir e Produzir. Elementos como mãos, roças, bandeiras do MST, pessoas, além da natureza sempre presentes são, na maioria das vezes, contidos em formas circulares. Há uma busca pela representação de um lugar que seja vivo e fértil, uma força e vitalidade que de certo modo, também tem a ver com a causa do MST. A reforma agrária popular se alinha à agroecologia, por um espaço político que articula sustentabilidade ecológica, soberania alimentar e justiça social. Assim, a cocriação em design fortalece esse processo ao mediar saberes e valorizar experiências locais. Juntas, agroecologia e cocriação transformam territórios de opressão em espaços de resistência, educação e produção coletiva.

Retomando Nêgo Bispo (2023), a cosmologia dos seres diversos, aqueles que cultivam um conhecimento orgânico, construído com a terra, e que não possuem um pensamento linear, mas começo-meio-começo, e isso é uma forma de circularidade. Quando pensamos nesta forma de ver o mundo, ela abarca a complexidade da teia da vida, com seus ciclos naturais, de uma forma de sustentabilidade plena e orgânica, que essas pessoas assentadas traduziram, em nosso processo, com seus desenhos.

Figura 5 – Desenhos das cooperativas, segunda etapa do processo de cocriação



Fonte: Imagens nossas (2025)

No Resistir e Produzir, tivemos uma outra representação para além dos elementos de paisagem e de ofício em si, a representação do balai (Figura 6). Já comentamos anteriormente na introdução, sobre o referencial histórico do município de Nina Rodrigues com a Balaiada, e a escolha de trazer a simbologia desta revolta para o contexto do próprio coletivo foi muito defendida pelas mulheres agricultoras.

Figura 6 – Agricultoras mostrando os desenhos de frutas e balaios



Fonte: Imagens nossas (2024)

Uma das assentadas, Dolores, compartilhou na roda de conversas algumas inquietações que ela tem em relação a história de Nina Rodrigues, sendo uma delas ligada a própria história da Balaiada. Na historiografia, não é citada nenhuma mulher que fez parte da revolta. Essa parte da história foi invisibilizada justamente porque a mulher camponesa foi invisível ao longo dos anos, o trabalho de uma agricultora era visto como uma extensão do trabalho doméstico.

A historiografia sobre a Balaiada não deu atenção a essa presença feminina no conflito, apesar dos indícios que aparecem nas fontes, seja das correspondências oficiais dos comandantes das forças legais ou dos líderes rebeldes, dos periódicos, das obras literárias e memorialistas (Abrantes, 2024, p. 76).

Este momento da história de Nina Rodrigues é simbólico para as mulheres assentadas: ele representa uma opressão do passado que se transformou em luta do presente. As mulheres do coletivo Resistir e Produzir remontaram a revolta da Balaiada e trouxeram novas perspectivas sobre a participação da figura feminina, assim como a invisibilização dela, neste momento histórico.

Os ideais de resistência da ideologia socialista, os ensinamentos de Paulo Freire contra a opressão, estão presentes no espaço e influenciaram os caminhos de design que percorremos com esse grupo. A ideia de resistência política era uma temática presente e real na comunidade. Perante os desenhos que nos eram apresentados, na roda de conversas com o coletivo, rememoramos as representações de cartazes políticos soviéticos, dentro da perspectiva do construtivismo russo. As escolhas de design realizadas pela equipe enfatizaram, nos desenhos produzidos pelas assentadas, os traços geometrizados que foram enfatizados também pela escolha tipográfica, a fonte Geoslab 703. Na coletânea de imagens a seguir (Figura 7).

Figura 7 – Etapa de criação da marca (à esquerda) e marca finalizada (à direita)



Fonte: Das autoras (2024).

Durante o tempo o tempo que estivemos com o coletivo, vivenciamos não somente momentos de atuação direta no projeto, mas também momentos de recreação e confraternização. Nas duas visitas, as integrantes tiveram a preocupação em realizar degustações de seus produtos, completando nossa experiência e vivência, de forma acolhedora. Era de perceber uma suavidade por parte das pessoas e dos produtos; não é à toa as mulheres do coletivo denominarem seus produtos “Doçuras do Campo”.

Na apresentação do projeto da marca, o coletivo, após deliberar e refletir sobre a marca apresentada, nos presenteou com uma mística (Figura 8), que envolveu cânticos, rodas e abraços, e isso muito nos ensinou sobre envolvimento, relacionalidade e cuidado. Escobar, Sharma e Osterweil (2024) explicam que para fazer design a partir da relacionalidade é preciso estar ciente de que nossas relações com outros e com o mundo, em geral, são como grandes emaranhados de fios que não podem ser desamarrados, podendo ser estes fios corpos, mentes, corações, comunidades e saberes. Completam, ao falar que para encontrarmos um futuro de amor, é preciso viver este amor no presente, nos permitindo sermos apoiadas, inspiradas e interconectadas. Isso também é o que nos permite encarar as tragédias do passado e poder imaginar novos horizontes para o futuro.

Figura 8 – Registro após o momento da cantiga



Fonte: Imagens nossas (2024)

As discussões levantadas na roda de conversa em todos os grupos com os quais cocriamos, impulsionadas pelas perguntas abertas, nos levaram a entender mais sobre a



**JOP'25  
DESIGN**  
VI Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5  
DEZ  
2025

São Luís - MA



X Simpósio  
de Design  
Sustentável  
Mundos por vir



PPGDg UFMA  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Design

relação dos assentados com a reforma agrária e o agronegócio. Uma das histórias compartilhadas, ainda nos domínios de Nina Rodrigues, falava sobre as terras e propriedade. A primeira pessoa beneficiária daquelas terras por lei, ou seja, por documentação, não era o camponês ou camponesa que lá viveu por anos, e sim um residente de outro município, que possuía uma impressora e por isso pode formalizar um documento sobre a terra. Isso diz muito sobre como a realidade sociotécnica influencia a autonomia produtiva nos territórios. E o design, como campo que constrói tal realidade, pode ser um meio para a retomada de autonomia por essas comunidades produtivas a partir de suas próprias cosmologias, como observamos em nosso processo.

## 6 Considerações Finais

Ao longo do desenvolvimento deste projeto, expandimos os conhecimentos sobre design orientado para a autonomia produtiva e sobre o MST. Pensar sobre formas de representação gráfica junto às mulheres de Nina Rodrigues e os membros dos grupos produtivos de outros assentamentos do Maranhão, em geral, chamou-nos a atenção para diferentes questões na área do design: a primeira é que mesmo que sejamos detentoras de um saber especializado no âmbito da construção da identidade visual, nosso saber não era superior sobre o entendimento das copesquisadoras sobre o que deveria ou não deveria ser representado em uma marca, especificamente tratando sobre as narrativas a serem transmitidas.

O processo de cocriação fez com que todas as envolvidas no projeto pudessem entender um pouco da visão que as assentadas tinham sobre a própria produção. A tradução de uma ideia em imagens e desenhos nos ajudou não só a identificar o que elas desejavam para a marca, mas os valores que as levaram a ter essa visão, fortalecidos pelos relatos na roda de conversa com as integrantes. Ter estes dados fez com que nós pudéssemos descobrir formas de projetar na marca os valores cultivados pelas assentadas e, como isso, as diferenciava dos demais. Vale ressaltar que quando falamos em se diferenciar em relação as outras marcas de outros grupos, não estamos falando de competitividade, mas sim destacar as características únicas e diacríticas daquele assentamento e daquele grupo e território, da marca em específico que os tornarão identificáveis tanto pelos outros produtores quanto pelos consumidores, e pelo próprio movimento social.

Para o MST, a representação da natureza é muito importante para a defesa das narrativas sobre a causa que defendem, pois é através desta representação que eles conseguem comunicar a vitalidade e a força da agricultura familiar no Brasil. Segundo Cahét (2023), a proposta do MST vai para além do cultivo e a ecologia: o MST abarca lutas identitárias e atua através da educação para a reorientação ontológica da relação dos seres humanos com outras espécies. Tirando os seres humanos do centro da ordem natural e os reposicionando como seres responsáveis pelo bem estar de outras espécies e de sua própria, reforça-se o discurso de olhar por outras trabalhadoras nutrindo, educando, trazendo dignidade e assim se posicionando contra a exploração e opressão da agroindústria e de latifundiários.

Neste sentido, um design centrado na vida contribui especialmente para a tangibilização dessas narrativas ontológicas, propiciando que os saberes locais emerjam em sua potência transformadora, construindo, portanto, um design orientado à autonomia, geradora de vida, de futuros possíveis e sustentáveis.

## 7 Referências

ABRANTES, Elizabeth. PEREIRA, Josenildo. MATEUS, Yuri. **Histórias e memórias da balaiada**. São Luís: Editora UEMA; Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

BELTRÁN, E. Ecofeminismo. In: SOLÓN, P. **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. São Paulo: Elefante, 2019. p.103-132

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: Modos e significados**. Brasília: INCT, 2015.

BUCKLEY, C. Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design. **Design Issues**, Massachusetts, 1986, v. 3, n. 2, p. 3–14.

CAHÉT, Giulia. **Florescer nas frestas: continuidades entre agroecologia e design**. 180 f. Tese (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: la realización de lo comunal**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2016.

ESCOBAR, A. **Contra o terricídio**. Tradução: Maria Cristina Ibarra. 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos/190>.

ESCOBAR, Arturo. OSTERWEIL, Michal. SHARMA, Kriti. **Relationality: emergent politics of life beyond the human**. Londres: Bloomsbury Visual Arts. 2024.

FARIAS, Luiza Gomes Duarte de; NORONHA, Raquel Gomes. Fazer coisas é contar histórias: mapeamento sistemático sobre as narrativas na dimensão do design e dos saberes artesanais. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, pp. 102-122, jan./2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2005, Brasília. Anais [...]. Brasília: MDA/MEC, 2005. p. 1-20.

HAESBAERT, R. **Entrando nos territórios do Território**. *Boletim Goiano de Geografia*, Brasília, v. 41, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/BD/article/view/54743/40522>. Acesso em: 30 ago. 2025.



**JOP'25  
DESIGN**  
VI Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5  
DEZ  
2025

São Luís - MA



X Simpósio  
de Design  
Sustentável  
Mundos por vir



PPQDg UFMA  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Design

IZIDIO, L. C. L., FARIAS, L. G. D. de, & NORONHA, R. G. Reapropiación ontológica a través del diseño antropología: producción de narrativas y subjetividades con artesanas en Paço do Lumiar, Maranhão. **RChD: Creación Y Pensamiento**, 7(12), 2022, 5–22.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

KRUCKEN, Lia. **Design e Território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.) et al. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

MST. Quem somos. Mst, 2025. Disponível em: < <https://mst.org.br/quem-somos/> >. Acesso em: 30, agosto, 2025.

NORONHA, R. G. Decolonising Things, Recreating Worlds: A Feminist Design Critique in Cannibalised Contexts. **Designabilities**, 2025, v. 1, p. 77-102.

NORONHA, Raquel. Ceci n'est pas une collaboration! Notas sobre contracolonialidade e poder nas relações entre designers e artesãs. In: PAOLIELLO, C.; ALBINO, C. **Design e artesanato 22 verbos - 22 autores**. Aveiro: Universidade de Aveiro Editora, 2022. p. 59-71.

NORONHA, Raquel. The collaborative turn: Challenges and limits on the construction of the common plan and on autonomía in design. **Strategic Design Research Journal** 11(2), 2018, 125-135. <https://doi.org/10.4013/sdrj.2018.112.08>

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores -1a ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.